

O Rio de Janeiro do “GRAPHICO”: visão de uma cidade e de uma época

Teresa Vitória Fernandes Alves*

Resumo:

Diferentes visões do cotidiano servem de base para criar uma conexão entre as diversas camadas sociais, na medida em que, cada uma delas demonstra uma determinada consciência dos problemas pelos quais os homens passam e a forma para tentar transpô-los.

Nos artigos editados e publicados em seu jornal, os tipógrafos do Rio de Janeiro de 1916 tentavam expressar suas opiniões acerca das transformações e dos problemas existentes, não só os da cidade, como também fatos ocorridos dentro e fora do seu país.

Neste sentido, o GRAPHICO torna-se uma fonte privilegiada para o resgate deste “olhar” peculiar. Assim como os prédios da Belle Époque carioca sobrevivem aos anos, a visão dos tipógrafos acerca da sua época e do seu meio consegue sobreviver através dos relatos e das crônicas do seu cotidiano e por meio de um veículo que dominam como ninguém.

Palavras-chaves: Rio de Janeiro – Jornal - Cultura

A cada dia a História busca renovar o seu interesse pelos fatos transcorridos nas sociedades passadas. Para tal, o homem-historiador entra no passado tentando estudá-lo e interpretá-lo com base em novas fontes ou dando um novo enfoque às já conhecidas.

Através de velhos artigos publicados em um jornal operário, levanta-se a formação e a evolução cultural de uma sociedade. Nas letras de forma, percebem-se emoções e reações baseadas numa imprensa que nasce a partir dos sonhos, idealismos e muita vontade de se fazer ouvir.

As diferentes visões do cotidiano servem de base para criar uma conexão entre as diversas camadas sociais, na medida em que, cada uma delas demonstra uma determinada consciência dos problemas pelos quais os homens passam e a forma para tentar transpô-los.

Nos artigos editados e publicados em seu jornal, os tipógrafos do Rio de Janeiro de 1916 tentavam expressar suas opiniões acerca das transformações e dos problemas existentes, não só os da cidade, como também fatos ocorridos dentro e fora do seu país. O saber ler e escrever fez com que eles terminassem por perceberem o mundo com outros olhos. O seu olhar era mesclado com outros, contidos nos livros e artigos que liam, construindo uma visão incomum ao seu meio social.

Neste sentido, o GRAPHICO torna-se uma fonte privilegiada para o resgate deste “olhar” peculiar. Assim como os prédios da Belle Époque carioca sobrevivem aos anos, a visão dos tipógrafos acerca da sua época e do seu meio consegue sobreviver através dos

relatos e das crônicas do seu cotidiano e por meio de um veículo que dominam como ninguém.

Da última década do século XIX até o início da Primeira Guerra Mundial, o mundo viveu um período de prosperidade econômica, que se reflete nas suas mais diversas manifestações culturais. Esta fase, conhecida como *Belle Époque*¹, marcou a sociedade brasileira, apesar das heranças patriarcais².

No Rio de Janeiro, capital da República, a reforma empreendida pelo prefeito Pereira Passos passou a servir de referencial das novas idéias de progresso e de civilização para o restante do país³. A cidade se transformou num exemplo de “metrópole moderna”, com a demolição de inúmeros prédios, ocasionando uma reformulação do convívio urbano e nas festas populares e religiosas adaptadas as mudanças da vida social, oriundas da busca de um ideal de “civilidade”⁴.

Após a demolição dos prédios, a falta de moradias levou a um crescimento no número de cortiços, casas de cômodos e favelas⁵. Além disso, devido ao aumento do preço dos aluguéis muitas pessoas eram deslocadas para o subúrbio, que passou a ser visto como local de ir e vir⁶.

O deslocamento dos trabalhadores de suas casas até o local de trabalho fazia com eles perdessem um tempo muito maior. Os meios de transporte passam a servir como meio de inspiração e espaço de discussão acerca dos problemas diários, já que, cada vez mais, eram freqüentados pelos trabalhadores moradores nos “subúrbios”:

Para além das fábricas e da ocupação de novos bairros, a modernização da cidade também afetou a composição do seu comércio e a disposição dos estabelecimentos

* Mestranda da Universidade Federal de Juiz de Fora.

¹ A europeização antes centrada apenas no ambiente familiar da elite carioca agora se faz presente também nas políticas públicas (escolas, prisões, hospitais, locais de trabalho, que sofrem mudanças radicais baseadas no controle e na aplicação de métodos científicos e do progresso). Ver, entre outros, Costa, Ângela M. de & Schwarz, Lília M. *1890-1914: no tempo das certezas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

² Ver, entre outros, Novais, Fernando A. (org). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, v. 3, 1998.

³ Idem, ver acerca do conceito de “ordem” e “civilização” na entrada do século XX no Brasil.

⁴ Ver, entre outros, Carvalho, José M. de. *A formação das almas: o imaginário político da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

⁵ O espaço urbano colonial, resultado de uma adaptação da arquitetura portuguesa, dá lugar a projetos de reurbanização, como a abertura de avenidas e a construção de prédios com fachadas européias, o que implicou no desalojamento de milhares de famílias pobres, na sua maioria de negros e mulatos, deslocados para a periferia das principais cidades ou então foram marginalizadas nos morros, as futuras “favelas”. Ver, entre outros, Priori, Mary Del & Venâncio, Renato P. *História do Brasil*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

⁶ Ver, Porto, Oswaldo R. “A era das demolições: a cidade do Rio de Janeiro 1870-1920”. In: *Biblioteca Carioca*. Rio de Janeiro: SMC, 1986, p. 65. Ocorre também uma separação territorial da capital, que fica dividida em duas zonas: a urbana e a suburbana. Para maiores dados a cerca da divisão em distritos, ver, o Recenseamento Geral da República feito em 29/06/1906, com base no decreto n° 2 de 01/06/1903.

comerciais. O pequeno comércio perdeu espaço para os grandes armazéns, ocasionando falências e despedimentos. Tal cenário é visto sempre como um fardo para a cidade e para os trabalhadores.

A nova avenida central, atual Rio Branco se transformou no marco do projeto urbanístico de modernidade da cidade, com suas fachadas modernas, lojas com produtos importados e pessoas vestindo a moda francesa. As ruas limpas mostravam a nova face da “civilidade”⁷. No entanto, a realidade das oficinas, muitas delas próximas ao luxo das novas avenidas, era, porém, bem diferente:

*Procurando ventilar esta questão (a falta de higiene nas oficinas) é que me propuz estudar o meio no qual o operário vive durante o dia, afim de demonstrar que 90% das oficinas montadas na nossa capital, estão mui aquém dos mais ellementares requisitos de higiene, sendo esta uma das razões de tantas moléstias.*⁸

Longe do luxo das avenidas e presos ao universo sórdido das suas oficinas, os trabalhadores foram os que mais sofreram com as profundas crises econômicas, sobretudo após a deflagração da Primeira Guerra Mundial⁹. Este clima de “crise” foi retratado nos artigos do jornal:

*Os gêneros de primeira necessidade estão por um preço exorbitante, devido á desenfreada exploração dos atacadistas e retalhistas, que reduzem o povo á fome, sem que o governo, que se diz seu representante, lhe acuda como uma lei que cohiba os abusos dos vampiros que sugam o sangue e o suor dos trabalhadores, transformando-os no vil metal, com que compram as consciencias daquelles que estão ao seu serviço*¹⁰.

Ao lado da carestia e da fome¹¹, entre os anos de 1914 a 1918, o aumento dos aluguéis¹² aceleravam a degradação do padrão de vida do trabalhador brasileiro, aumentando o número de doenças na cidade, principalmente a incidência da tuberculose, também conhecida nesse momento como Peste Branca.

⁷ Ver, entre outros, Costa, Ângela M. de & Schwarz, Lilia M. *Op. cit.*

⁸ Ver, ‘Revendo...’, In: *O Graphico*, RJ, 15/01/1916, p. 2.

⁹ Ver, Lobo, Eulália, Maria L. *História do Rio de Janeiro: do capital comercial ao capital financeiro*. Rio de Janeiro: IBEMEC, 1978.

¹⁰ Ver, ‘O Descanso dos Garçons’, In: *O Graphico*, RJ, 16/04/1918, p. 2.

¹¹ De acordo com Barbosa, Marialva, *Op. cit.*, p. 141, “para comprar um quilo de café, um quilo de feijão, carne-seca, banha, uma réstea de cebolas, uma garrafa de querosene, um trabalhador gastava, em 1914, 5\$260 réis, o equivalente a pouco menos do salário diário de um tipógrafo. Quatro anos depois, esses mesmos alimentos, nas mesmas quantidades, valiam 7\$600 réis”.

¹² Idem, p. 143, “O preço das casas de cômodos, das casas de avenidas, das estalagens e das casas dos subúrbios após a reforma urbana aumentara substancialmente. (...). Na época da administração Pereira Passos, não se encontrava alojamento por menos de 20\$000 mensais. Esse era o preço de uma quarto numa casas de cômodos; um alojamento maior com duas peças chegava a 35\$000 mensais. (...)”.

Inúmeros casos de mortes por causa dessa doença estão descritos no jornal dos tipógrafos, que terminaram associando a enfermidade à falta de higiene nos locais de trabalho, nas moradias e também no asseio pessoal do trabalhador.

Não tenho a honra de conhecer pessoalmente o collega Avils. A campanha por elle encetada contra as péssimas condições das officinas graphics tem sido por mim apreciada, principalmente pelo fim que ella attinge, que é o de criticar publicamente essas officinas anti-hygienicas, cujos proprietários têm em vista somente engordar e enriquecer sem se incommodarem com a limpeza das mesmas, onde se esconde a tuberculose, para ceifar os que necessitam de frequental-as.¹³

O sonho de uma cidade limpa fazia com que só os médicos tivessem o poder e autoridade de vistoriar não só os locais de trabalho, como também as casas desses homens. Ao deflagrarem a idéia de uma cidade doente, esses médicos terminavam por difundir a idéia de asseio individual, higiene nos locais de trabalho e nos lares, além de combaterem outros vícios atribuídos aos trabalhadores, como o álcool e o fumo.

O vício mais espalhado no Brasil é o alcoolismo, que faz annualmente milhares de victimas, contribuindo além disso para o abastardamento da raça e para o augmento da criminalidade. Apesar de todos os males que o alcoolismo traz, ainda não se iniciou no nosso paiz uma campnha systematica contra elle, como se tem visto em outros paizes cultos¹⁴.

A concentração de trabalhadores na cidade a transformou num dos principais palcos das primeiras manifestações do movimento operário brasileiro¹⁵. Apesar de gozar da “confiança” da elite, os imigrantes introduziram as idéias mais avançadas surgidas na Europa com relação ao direito dos trabalhadores. As propostas socialistas ou anarquistas estavam no cerne da organização de sindicatos, partidos e jornais¹⁶. Contrapondo a noção negativa construída em torno do conceito de trabalho, nascia uma voz da exaltação do trabalhador como principal elemento da sociedade. O movimento operário procuraria quebrar antigas

¹³ Ver, ‘Solidariedade Consciente’, In: *O Graphico*, RJ, 01/03/1916. p. 2.

¹⁴ Ver, ‘Contra o Alcoolismo’, In: *O Graphico*, RJ, 16/11/1917, p. 3.

¹⁵ Deve-se esclarecer que o Rio de Janeiro foi onde se registrou as primeiras manifestações do movimento operário brasileiro. Até a o ano de 1920, a capital da república liderou o processo de industrialização, só sendo superada posteriormente por São Paulo. Ver, entre outros, Batalha, Cláudio. *O movimento operário na Primeira República*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. e Gomes, Ângela M. de C. *A invenção do trabalhismo*. Rio de Janeiro: FGV, 2005. 3 ed.

¹⁶ Nos primeiros anos do século XX, uma nova tendência política mais radical ganha espaço no movimento operário brasileiro - o Anarquismo que, ao contrário do socialismo, não se organiza em partidos. Para ele, o Estado era uma instituição repressiva, independente da classe social que está no poder. Assim, defendem a sua substituição por federações ou cooperativas de trabalhadores. Não é apenas coincidência, que no momento do crescimento das idéias anarquistas também ocorra uma expansão do movimento sindical. Ver, entre outros, Addor, Carlos Augusto. *A insurreição anarquista no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986

tradições, onde as atividades manuais eram consideradas humilhantes. Assim, os trabalhadores iniciavam o seu processo de conquista da “cidadania”¹⁷.

Como na Europa, os trabalhadores brasileiros terminaram por edificar um novo capítulo na sua história através da projeção das suas identidades na construção da cultura social do país. Como afirma E. Bosi, “*Desde sua concepção o trabalho situava-se, portanto, naquela fronteira em que se cruzam os modos de ser do indivíduo e da sua cultura (...)*”¹⁸. A inexperiência e a tomada gradual da consciência de seus direitos e deveres marcaram as primeiras organizações da classe operária¹⁹, voltadas para reivindicações imediatas como o aumento de salários, o descanso semanal e a justiça laboral. O processo de edificação de uma identidade coletiva para o “trabalhador” adentrou a resistência imposta pelas forças governamentais e, sobretudo, superou a própria diversidade do movimento, dividido em inúmeras ideologias, grupos de combate e nacionalidades.

No perímetro urbano da cidade do Rio de Janeiro, o ideal da *Belle Époque* pregava a separação dos grupos sociais, assim como prega a higiene e a civilidade. Os boulevards, dos passeios das senhoras e senhores “de bem” estavam longe dos bairros sujos e pobres da periferia²⁰. De igual forma, os trabalhadores poderiam ser separados entre “bons” e “maus” elementos sociais. E com a nova cidade atraindo cada vez mais gente, a chegada dos imigrantes, inicialmente, foi saudada como um possível passo positivo pela elite. Os imigrantes, mal vistos pelos trabalhadores como concorrentes, eram apreciados como mão de obra pela elite local, o que não iria impedir o racismo e o preconceito, tão logo demonstrassem a sua revolta e consciência²¹. O conflito entre “estrangeiros” e “nacionais” marcou um período da vida e da convivência social na cidade.

Para além da presença do estrangeiro, neste mundo contraditório, onde a lembrança da escravidão denegria a noção de trabalho, a chegada do “novo” não era recebida

¹⁷ Sobre a questão da cidadania, Ver, entre outros, Gomes, Ângela M. de C. *Cidadania e direitos do trabalho*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002, pp. 13-14 e Carvalho, José M. de. *Cidadania no Brasil: um longo caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

¹⁸ Ver, Bosi, Ecléa. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: companhia das Letras, 1994, p. 37.

¹⁹ Ver, entre outros, Batalha, Cláudio H. de. *O movimento operário na Primeira República*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000, p. 15. O autor defende a idéia que as primeiras associações de resistência se voltavam para a “ação econômica” e surgem com diferentes denominações como: “associação, centro, grêmio, liga, sociedade, união e, até mesmo sindicato”. As mesmas utilizavam a palavra “resistência” para se diferenciarem das sociedades mutualistas que eram vistas como “beneficentes”.

²⁰ Schwacz, Lília M. *O Espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo. 1995.

²¹ O racismo surge como forma de controle social e de reenquadrar após a abolição da escravidão, parte da população que não se enquadrava à tradição européia. Ver, entre outros, Carvalho, José M. de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

com agrado pelos trabalhadores, sobretudo quando ameaçava os seus próprios postos de trabalho:

Com o avanço das idéias de contestação trazidas da Europa, o movimento dos trabalhadores na cidade ganhou um novo tom. No final da década de dez, os protestos contra os regulamentos e as atitudes arbitrárias tomadas pelos patrões ganhavam as ruas. O controle imposto pelo Estado buscava disciplinar os operários através da introdução de regras de conduta, como as que limitavam a circulação dos trabalhadores dentro dos espaços de trabalho, impedindo que ocorressem as trocas de idéias. Não podia mais se ler livros ou jornais no espaço de labor, proibindo o fumo e a bebida. Os regulamentos eram vistos como um obstáculo à liberdade tão desejada, sendo denunciados constantemente pelos trabalhadores gráficos.

O pensamento do trabalhador brasileiro, apesar do seu tênue desenvolvimento, não esteve preso aos muros das fábricas ou das oficinas onde esses homens trabalham. Ele ultrapassou os gritos de greve e ganhou as ruas através da imprensa operária, passando a reunir uma gama infinita de temas, tradutores de todos os momentos vivenciados pela classe trabalhadora, desde reivindicações e sonhos de um mundo melhor até a convivência em família e sua visão real da sociedade²².

Buscar entender o cotidiano do operariado, a forma de viver e o sentir individual ou coletivo, só se faz possível ante a percepção dos elementos formadores da sua estrutura organizatória de vida²³.

Assim sendo, os problemas dos trabalhadores não podem ser restritos aos momentos de crise ou de greve. Eles foram constantemente denunciados no decorrer da sua trajetória na história do Rio de Janeiro. O trabalho infantil e feminino, as condições cotidianas de trabalho fazem parte dos apelos e denúncias constantes no GRAPHICO.

*Multiplos são os problemas que ao operariado compete resolver: o dia de 8 horas, a regulamentação para menores _ e mulheres nas fábricas, os accidentes de trabalho, a prophylaxia contra a tuberculose nas oficinas, a garantia de conservação na casa do trabalho affirmada pelo tempo, o afastamento das luctas operarias de elementos que não pertencem ao meio, o abandono da política dos potentatos, etc.*²⁴.

²² Ver, entre outros, Thompson, E. P. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

²³ Em 1921, temos a fundação do Departamento Nacional do Trabalho, que tinha como objetivo estudar a vida operária. Ver, Carone, Edgard. *Movimento operário no Brasil (1877-1944)*. São Paulo: Difel, 1984, p.10.

²⁴ Ver, 'Nova Tentativa', In: *O Graphico*, RJ, 01/01/01916, p. 1.

A presença das forças policiais no dia a dia do trabalhador, seja para reprimir os movimentos de contestação ou práticas comuns, como o “jogo do bicho”²⁵, faziam com que as prisões fossem parte da biografia de muitos trabalhadores.

O progresso e a modernização trouxeram consigo a construção de um novo discurso, onde a valorização da ética, da moral, da disciplina e do trabalho, que eram vistos como meios pelos quais os trabalhadores construiriam sua identidade²⁶. Para eles, o progresso era algo positivo, pois terminaria acabando com os sofrimentos individuais. Mas, no primado da ética, até mesmo os confortos desta “nova era”, tal como a luz elétrica ou o cinematógrafo, nem sempre eram vistos com bons olhos pelo trabalhador.

No Rio de Janeiro, cidade encantadora, cujas bellezas naturaes e estasiantes, deslumbram os olhos ávidos dos que vêm de fora, onde o luxo resplandece como se estivéssemos num outro mundo todo de fantasia e esplendor, e onde a miséria também é immensa (perdoem-me a franqueza), esitem cinemas tavez mais chics e sumptuosos do globo, onde todo esse luxo que delira e essa miséria que assola, se exhibe diariamente, apreciando com sofreguidão e interesse as maiores celebridades da cinematografia moderna, que nos apresenta, a par de importantes films de rigorosa moralidade, os mais escandalosos exemplos do banditismo e luxuria.²⁷

Durante muito tempo nas páginas de O GRAPHICO falou-se da Primeira Guerra Mundial. Um longo conflito, onde a dor e a morte estiveram presentes não só na Europa como em todo o mundo ocidental. Para muitos, ela seria curta e a paz entre os povos estaria assegurada antes mesmo do Natal de 1914 e os jovens soldados deixariam seus lares, suas famílias, cantando, com esperança e “uma flor na espingarda”²⁸.

O mundo que antecede esse conflito via as distâncias diminuírem, inúmeros países se unificaram, outras autoridades políticas e econômicas surgiram. Os produtos agrícolas na Europa sofreram uma queda brutal de preços, que levou a ruína econômica de vários pequenos agricultores, levados à emigração, principalmente para a América.

No Brasil, a guerra serviu de pretexto para o aumento dos gêneros de primeira necessidade, a redução dos salários e a diminuição dos dias de trabalho. Isso acarretou o aumento da fome e a miséria entre os trabalhadores. Essas mazelas sociais atribuídas à Grande Guerra transformaram-se em temas para artigos no jornal dos tipógrafos.

Foi no início da guerra européia, calamitosa quadra de fome e desespero que fomos testemunhas dum facto que bastante nos impressionou, e que passamos a narrar.

²⁵ No jornal, o Jogo do Bicho recebe as seguintes denominações: “Jogo Drumond” (‘Aos Estivadores o Nosso Apelo’, In: *O Graphico*, 15/02/1916, p.1.), “Jogo do Barão” e “Jogo Calamidade” (‘Meditações’, In: *O Graphico*, RJ, 15/11/1916, p. 1).

²⁶ Ver, Ciavatta, Maria. *O mundo do trabalho em imagens: a fotografia como fonte histórica (Rio de Janeiro, 1900-1930)*. Rio de Janeiro, DP&A, 2002.

²⁷ Ver, ‘Graphias de Cinema...’, In: *O Graphico*, RJ, 01/07/1917, p. 1.

²⁸ Ver, Ferro, Marc. *A Grande Guerra: 1914-1918*. Lisboa: Ed. 70, 2002, p.13.

Passando um dia pela rua Frei Caneca fomos despertados das nossas cogitações aos gritos de: - Pega ladrão! Pega ladrão!

Alongando então a vista na direcção de onde partiam os gritos, se nos deparou um espectáculo edificante: Um homem alto, magríssimo pelas privações passadas, a quem o outomno da vida já tinha atingido, pois seus cabellos começavam a branquear, era perseguido por um moço, dono duma casa de moveis próxima, de onde acabava de subtrahir uma cadeira de viagem vulgar que se encontrava á porta do estabelecimento.

(...)

O guarda dirigiu-se ao delinqüente, o qual ao ser interpellado sobre o motivo que o lévara a subtrahir a cadeira do estabelecimento de moveis, declarou que fora a fome que o induzira a praticar aquella acção de desespero, pois há muitos dias procurava trabalho por toda a cidade sem encontrar, e naquella manhã sahira de casa deixando sua mulher e filhos sem uma côdea de pão com que mitigar a fome.(...) ²⁹.

A guerra no Brasil também deflagrou idéias como o serviço militar obrigatório, instituído pelo presidente da República. Isso foi motivo de inúmeras críticas, já que o capital direcionado para esse projeto poderia servir de incentivo a melhoria da agricultura, à indústria e ao comércio.

Além de despertar nos jovens brasileiros o espírito do voluntarianismo, transformando-se num modismo nacional, impulsionado pela crise econômica. Foram para linha de tiro, além dos jovens estudantes, funcionários públicos e inúmeros operários desempregados.

Para os mais conscientes a guerra não era a solução dos problemas que os trabalhadores atravessavam. Imbuídos do espírito de contestação que percorrera a Europa nos primeiros anos do conflito, os gráficos afirmavam os “perigos” que o conflito representava para a classe trabalhadora³⁰.

Como texto, documento e fonte histórica o jornal revela mais informações do que o texto aparentemente transmite. Recordar experiências vividas no passado é buscar a recuperação de imagens fragmentadas, tradutoras de uma forma única de vivenciar o espaço e o tempo. Cada palavra e o seu sentido possuem uma dinâmica própria em cada discurso e a cada época³¹, sendo a chave-mestra para a compreensão de uma cultura que ordenamos através de fonemas e reconstruímos por meios de frases.

Bibliografia

ASA, Briggs & BURKE, Peter. *Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

²⁹ Ver, ‘Justiça Nova’, In: *O Graphico*, RJ, 01/06/1916, p. 1.

³⁰ Ver, entre outros, Ferro, Marc. *A Grande Guerra: 1914-1918*. Lisboa: Ed. 70, 2002.

³¹ Ver, Véron, E. *A produção de sentidos*. São Paulo: Cultrix, Ed. USP, 1980.

BARBOSA, Marialva. “*Operários do pensamento*” (*visões de mundo dos tipógrafos no Rio de Janeiro – 1880/1920*). Niterói, RJ: UFF – Dissertação de Mestrado, 1991.

BATALHA, Cláudio. *Culturas de classe*. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 2004.

CARVALHO, José M. de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucília de A. N. *O tempo do liberalismo excludente: da Proclamação da República à Revolução de 1930*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FERREIRA, Maria N. *A imprensa operária no Brasil – 1880-1920*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1978.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

RAMA, Angel. *A cidade das letras*. São Paulo: Brasiliense, 1985.